

Jornal Valor Econômico
Matéria - Aplicação Bilíngüe
22, 23 e 25 de Setembro de 2005
Repórter: Adriana Cotias e Daniele Camba



Aplicação bilíngüe

Cresce oferta de investimentos no exterior

Com o dólar cotado a menos de R\$ 2,30, num dos níveis mais baixos em três anos, cresce a oferta de investimentos fora do Brasil da parte de bancos, corretoras e empresas de aconselhamento financeiro. Com o tamanho do juro brasileiro, as alternativas não chegam, entretanto, a ser tão rentáveis, mas ao extrapolar as fronteiras nacionais há a diversificação de riscos e a segurança de se estar em mercados mais maduros. Há várias opções que fazem sentido para um perfil de investidor que busca a diversificação ou proteção para o patrimônio em moeda forte.

Fundos cambiais e de dívida comportam captações em reais, no Brasil, enquanto os fundos "offshore" têm sede no exterior, obedecem à legislação onde estão situados e recebem aplicações em outras moedas. Paraísos fiscais como Grand Cayman ou Bahamas costumam abrigar essas empresas, por causa do tratamento tributário diferenciado, mas se a origem do dinheiro recebido for declarada, não há mal nenhum.

Além dos fundos, há um manancial de ativos internacionais à disposição do investidor a partir do momento em que os recursos desembarcam num mercado desenvolvido. "Os EUA são a janela para o mundo e investir uma parcela lá fora vale a pena para se evitar a sobreposição de riscos", diz Rogério Betti, da Beta Advisors, de aconselhamento financeiro.

Conforme exemplifica, todas as ações listadas nas bolsas americanas contam com opções de compra e venda (contratos que dão aos investidores o direito de comprar ou vender um ativo numa data específica a um preço preestabelecido) líquidas para se montar estratégias que garantam ganhos de renda fixa. Por aqui, só meia dúzia de papéis é que têm séries abertas e, ainda assim, só na versão de compra. Há ainda um leque de notas estruturadas, atreladas a índices de bolsa e moedas, que garantem o principal investimento. Na renda fixa, os bônus corporativos ou do Tesouro americano são opções que garantem retorno de 5%, 6% ao ano em dólar. Numa visão conservadora é melhor do que comprar dólares e deixar no colchão.

Segundo dados do Banco Central, o estoque de investimentos em portfólio de brasileiros no exterior chegava a US\$ 8,2 bilhões ao fim de 2004 - uma evolução de 37,9% em relação a 2003. Somando-se os recursos em fundos "off shore", mais o dinheiro dos fundos de investimento no exterior (Fiex) e carteiras referenciadas em câmbio, há outros R\$ 10,4 bilhões atrelados a moedas estrangeiras.

"As grandes famílias gostam de ter investimentos em moeda forte", diz René Werner, diretor da Werner & Associados. "Mas isso hoje é menos importante, porque com os juros brasileiros e a valorização do real, a aposta em dólar não tem sido boa." Além disso, todos os bancos que operam no Brasil oferecem produtos que simulam aplicações externas.

Além dos fundos cambiais locais, o Banco do Brasil oferece dois tipos de produtos ligados a investimentos no exterior. O BB Dívida Externa, com um patrimônio de R\$ 43 milhões, persegue a variação do dólar mais juros de 4% ao ano e atinge até o varejo porque aceita aplicações a partir de R\$ 1 mil. O BB Fund, com sede em Grand Cayman, tem rentabilidade atrelada às notas de seis meses do Tesouro americano, à Libor ou à eurolibor (o juro interbancário londrino e a taxa usada na região da zona do euro), mais 2% ao ano e é dirigido para investimentos a partir de US\$ 50 mil. Segundo o gerente de fundos especiais do BB, Fernando Manuel Ribeiro, nessas carteiras há US\$ 3,4 bilhões de capital, originário, principalmente de empresas brasileiras com filiais no exterior.

Desde março, ficou mais simples mandar recursos para o exterior. Até então, as remessas tinham de ser feitas por meio de uma conta de não-residentes (CC5) de um banco estrangeiro. Agora, o investidor apenas transforma seus reais em dólares, em uma operação de câmbio. Isso facilitou e barateou, já que os bancos cobravam em média 0,5% pelo "aluguel" da CC5. O investidor pagava duas CPMFs e agora só uma. Mesmo assim, investir no exterior ainda é caro, estando acessível apenas para clientes da área private dos bancos.

Sobre a tributação, o advogado José Eduardo Queiroz, do escritório Mattos Filho, lembra que o imposto de renda é pago no Brasil com recolhimento feito pelo investidor. Além disso, precisa declarar todos os bens e investimentos no exterior em sua declaração de imposto de renda e, para valores acima de US\$ 100 mil, declarar também ao BC. Segundo Queiroz, apesar dos últimos progressos, ainda falta regulamentar algumas aplicações no exterior, como em derivativos, só permitidos para fins de proteção. "No exterior, há uma infinidade de derivativos sem similares no Brasil e que o brasileiro não tem acesso", diz.